



Calidoscópio

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Vieira da Silva, Francisco; Fernandes Barbosa, Maria do Socorro Maia

O perigo mora na tela: discursividades sobre o digital na mídia

Calidoscópio, vol. 12, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 314-322

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561782009>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Francisco Vieira da Silva

franciscovieirariacho@hotmail.com

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

socorromaia@uern.com

O perigo mora na tela: discursividades sobre o digital na mídia

Danger lives on screen: Discursivities about digital in the media

RESUMO - Neste trabalho, analisamos alguns enunciados que circularam na mídia, mais precisamente em revistas brasileiras semanais, como *Veja*, *Istoé* e *Época*, os quais discursivizam uma espécie de alerta aos internautas acerca do perigo proveniente das redes sociais, dos efeitos de uma exposição desenfreada na *web*, dos sortilégios que sondam o ciberspaço e denotam as facetas de uma sociedade marcada sobremainha pela vigilância. Em linhas, gerais, figura-se um discurso do risco, segundo o qual todos potencialmente podem sofrer as consequências danosas acarretadas pelo digital. Seguindo um viés predominantemente foucaultiano, procuramos rastrear as condições de possibilidade que fazem emergir a irrupção desse discurso de cautela em relação à *web*, levando em consideração os modos através dos quais a mídia toma para si uma função pedagógica, no sentido de orientar os comportamentos dos usuários das tecnologias digitais nas suas incursões no ciberspaço.

Palavras-chave: discurso, web, mídia, vigilância.

ABSTRACT - In this work, we analyze some statements that have circulated in the media, specifically in Brazilian weekly magazines, such as *Veja*, *Istoé* and *Época*, which discusses a kind of alert to internet users about the danger originating from social networks, of the effects of wild exposure in the *web*, of spells that probe the cyberspace and indicate the facets of a society marked greatly by vigilance. In general lines, a discourse of risk, according to which all can potentially suffer the harmful consequences brought about by digital. Following a slant largely foucaultian, we try to trace the conditions of possibility that bring out the eruption of this discourse of caution related to the *web*, taking into account the ways in which the media takes on an educational role, in the sense to direct the behaviors of the users of digital technologies in their forays into cyberspace.

Keywords: discourse, web, media, vigilance.

Nós próprios não podemos prever “antecipadamente” a figura que faremos no futuro. Porém, podemos vislumbrar senão aquilo que somos, ao menos aquilo que acabamos de ser (Veyne, 2008, p. 89).

Queremos ajudar os adolescentes e jovens a fazer boas escolhas na rede sabendo administrar suas publicações e compartilhamentos para evitar arrependimentos e situações de perigo quando pessoas mal intencionadas se aproveitam dessas imagens (Thiago Tavares, coordenador da Central Nacional de Crimes Cibernéticos; Portal G1, 2014a).

Introdução

As discussões desenvolvidas no âmbito deste texto engatam-se a um trabalho de pesquisa de amplitude maior. Trata-se de nossa tese de doutorado, em desenvolvimento, cuja temática circunscreve a emergência dos discursos sobre a vida íntima na mídia digital. Interessa-nos pensar os modos através dos quais o sujeito celebridade constitui-se nesse contínuo desvelar de si que a *web* incita. Defendemos ainda que o sujeito contemporâneo vive numa constante

agonística, corporificada num paradoxo constitutivo do momento presente, qual seja: a necessidade de mostrar-se, de fazer-se ver (Tucherman, 2007, p. 53), na consecução de uma série de rasgos voyeurísticos, principalmente no âmbito do *ciberspaço*, e, ao mesmo tempo, a premência em proteger informações, dados pessoais e financeiros, dentre outros, no seio de uma sociedade caracterizada prioritariamente pela vigilância. Assim, parece uma certa aporia falar demasiadamente em proteção da privacidade, quando a própria intimidade exibe-se sem pudores nas telas da *web*, pois esta rede conclama todos para serem vistos; noutros termos, é a partir da constante exibição de si que muitos sujeitos são dados a ver na lógica que norteia o paradigma da visibilidade, atualmente em voga.

A aparição desses discursos nas mais diferentes vitrines da mídia responde a uma demanda sócio-histórica bastante peculiar. Em síntese, é imperioso atentarmos para o papel crucial que as tecnologias da informação e da comunicação, incrustadas, em sua grande maioria, nos sustentáculos da *web*, exercem nos dias de hoje, nos mais

variados setores da sociedade. Como corolário do desenvolvimento prodigioso de tais tecnologias, presenciamos o desabrochar de uma infinidade de técnicas as quais engendram toda uma cultura da vigilância no âmbito do *ciberspaço*. No entanto, se historicamente o vigiar esteve atrelado ao olhar (Foucault, 1999, p. 51), na *web* a vigilância efetiva-se por meio da informação inscrita em bancos de dados; noutras palavras, “[...] na vigilância digital, o ritual do exame e seus procedimentos hermenêuticos são substituídos pelos perfis computacionais e seus procedimentos algorítmicos e estatísticos” (Bruno, 2004, p. 155). Trata-se de uma vigilância líquida (Bauman, 2014, p. 10), na medida em que não se resume a um contêiner fixo, mas se espalha por toda a parte, influenciada, por exemplo, pelo *marketing* das empresas de tecnologia.

Acrescente-se ainda a ampla discursivização, por parte da mídia, de diversos casos de sujeitos que tiverem suas intimidades solapadas devido à atuação de insidiosos *hackers*, os quais roubam senhas de *sites* pessoais, como *e-mails*, e de portais governamentais, acentuando, assim, o poderio daqueles que cometem semelhantes crimes e os efeitos desastrosos nos sujeitos que têm sua privacidade invadida. Nesse quadro, os discursos midiáticos encontram um terreno próprio para circularem e construírem determinados objetos em torno do perigo que o digital acarreta, enlaçando-se as técnicas de um dispositivo do medo (Bauman, 2008, p. 15; Courtine, 2008, p. 19), permitindo, pois, a emergência de subjetividades vigilantes e precavidas em relação aos ardis da *web*.

Com vistas a discutir essas questões, o presente artigo segue um viés predominantemente foucaultiano, no qual se antevê a confluência de noções basilares como discurso, enunciado, saber e sujeito na construção do arcabouço conceitual da Análise do Discurso. Tomamos especialmente a noção de *enunciado*, entendido por Foucault (2010, p. 92) como a unidade do discurso, em função da rede de conceitos que sobre tal noção grava, a partir do olhar desse pensador francês. No esteio dessa reflexão, importa-nos descrever os enunciados de um discurso, o que consiste apreendê-los como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num determinado lugar (cf. Fischer, 2013, p. 147). Diante disso, as considerações explicitadas nos parágrafos precedentes configuram-se em condições de possibilidade que fazem emergir um discurso de alerta em relação ao digital, não prescindindo de levar em conta o modelo de sociedade vigente.

Na perspectiva foucaultiana, é indispensável olhar o objeto de análise, cotejando-o com a multiplicidade das coisas ditas, com as posições de sujeito, com as instáveis (re)configurações dos saberes e com as relações de poder. Frente a tais especificidades de ordem teórico-metodológica, empreendemos uma análise em torno de alguns enunciados que circularam na mídia (revistas *Veja*, *Istoé* e *Época*), os quais discursivizam a *internet*, a partir de uma remissão às ameaças dela decorrentes. Nessa

trajetória investigativa, movemo-nos pelos respingos do ávido pensamento de Foucault (1991, p. 36), segundo o qual “é sempre útil compreender o caráter historicamente contingente das coisas, de ver como e porque as coisas se tornam o que elas são”.

Abrindo a caixa de ferramentas foucaultiana

Numa de suas inúmeras entrevistas, Foucault afirmou que suas teorizações podem ser utilizadas como *caixa de ferramentas* (Foucault, 2006, p. 16), as quais permitem ao pesquisador ‘olhar’ para seu objeto de estudo, em contraposição a uma ideia de ‘aplicar’ essas noções num *corpus*, até mesmo porque, se enxertarmos os pressupostos foucaultianos no interior dos domínios epistemológicos da Análise do Discurso, constataremos que esta teoria não se pauta numa perspectiva de empregar pura e simplesmente diferentes noções advindas de campos diversos (Baracuhy, 2010, p. 168), mas antes revê-las, ou mesmo reformulá-las, face ao escopo pretendido e às especificidades do objeto de análise.

Dentre as diversas obras publicadas por aquele pensador francês, uma delas ocupa uma posição seminal, devido a uma certa sistematização do pensamento foucaultiano que tal obra encerra. Trata-se da *Arqueologia do Saber* (2010 [1969]), livro no qual Foucault, além de responder a uma série de críticas em relação às obras anteriores, tece considerações relevantes em torno do método arqueológico. Ao biografar a vida e a obra de Foucault, Eribon (1990, p. 178) conta-nos que na produção da *Arqueologia do Saber*, aquele autor “escreve com ardor e se debate com um demônio em meio as noções de enunciado, formação discursiva, regularidade e estratégia”. Ainda nas palavras do biógrafo: “Todo um vocabulário que ele tenta estabelecer e fixar; todo um jogo de conceitos que se esforça para definir e articular” (p. 178).

Na referida obra, Foucault (2010, p. 95) conceitua o discurso como sendo um conjunto de enunciados que pertencem a uma formação discursiva, além de conceber o enunciado como o átomo do discurso. É sobre esta última noção que o autor empreende uma análise mais acurada. Para tanto, Foucault (2010, p. 102), explicita, num primeiro momento, que o enunciado difere da frase, da proposição e do ato de fala, pelas seguintes condições: (i) está na dimensão do discurso; (ii) não está submetido a uma estrutura canônica típica da frase; (iii) não revela as intenções do sujeito que o efetua, conforme preconiza a teoria dos atos de fala. Além disso, o enunciado em Foucault é compreendido como uma função, que suporta: (i) um princípio de diferenciação – que circunscreve o objeto do qual se fala; (ii) uma posição de sujeito – para enunciar, o sujeito ocupa uma posição no seio de uma dada prática discursiva; (iii) campo associado – o enunciado inscreve-se numa rede de formulações que o sucedem e o antecedem, o que supõe o funcionamento

de uma memória; (iv) materialidade repetível – embora haja uma materialidade repetível, o enunciado sempre pode tornar-se outro (cf. Pêcheux, 2006, p. 62). Ademais, o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data (Foucault, 2010, p. 113), a fim de que possa constituir-se como tal.

Na caracterização da função enunciativa, Foucault (2010, p. 135) defende que o enunciado segue alguns princípios, a saber: (i) princípio da rarefação (raridade) – nem tudo pode ser dito e nem tudo que é efetivamente dito reverbera indefinidamente (Foucault, 2009, p. 21), e a análise enunciativa deve radiografar a posição singular que o enunciado ocupa no interior de um regime de dispersão; (ii) exterioridade – o enunciado precisa ser concebido no conjunto das coisas ditas, das relações, com vistas a apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, para reencontrar sua incidência de acontecimento; (iii) acúmulo – atrela-se aos modos através dos quais os enunciados podem ser retomados, esquecidos, conservados; (iv) positividade – define a unidade do enunciado através do tempo, relacionando-o com o arquivo de um determinado momento histórico.

Quando define o conceito de formação discursiva,¹ Foucault (2010, p. 35) explicita as unidades do discurso, caracterizadas por quatro conjuntos, quais sejam: os objetos, as modalidades enunciativas, as estratégias e os conceitos. A fim de encontrar uma regularidade do discurso, num regime de dispersão, Foucault (2010, p. 35) defende que é necessário um exame prolífico de cada uma dessas unidades. Assim, na formação dos objetos, aquele autor menciona três níveis de análise: (i) as superfícies de emergência – que definem onde os objetos podem surgir, a fim de serem nomeados e classificados; (ii) instâncias de delimitação – as instituições que nomeiam, designam e instauram um objeto de discurso. Nesse caso, Foucault (2010, p. 47) exemplifica que, a despeito da medicina constituir-se na instância superior na distinção e classificação do objeto loucura, outras instituições, como a justiça penal e a autoridade religiosa, também desempenharam semelhante função; (iii) grades de especificação – sistemas segundo os quais separamos, associamos, reagrupamos os objetos de discurso.

Sobre a formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010, p. 56) aponta para o estatuto do sujeito que fala, o lugar institucional a que o sujeito se vincula para falar, além da posição que o sujeito ocupa no discurso. Para tanto, Foucault (2010, p. 56) questiona: “[...] quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem?”. Assim, esse pensador assevera que os lugares de onde sujeito

enuncia variam, conforme a conjuntura histórico-social. De modo semelhante, a posição do sujeito enunciador está suscetível às descontinuidades dos planos da fala (Foucault, 2010, p. 56). Esse autor defende que as modalidades enunciativas não remetem a uma função unificante de um sujeito, mas sinalizam a sua dispersão. Na voz de Foucault (2010, p. 61): “[...] não é nem pelo recurso a um sujeito transcendental nem pelo recurso uma subjetividade psicológica” que ocorre a definição das regularidades de um discurso.

Mesmo considerando a interdependência existente entre cada um desses níveis de análise, de acordo com o que reconhece Foucault (2010, p. 59), dada a exiguidade de espaço no gênero artigo científico e a complexidade demandada por tais níveis, nosso olhar analítico centrar-se-á sobre a formação dos objetos e das modalidades enunciativas na constituição de um discurso que concebe o digital como o refúgio do obscuro, do inominável, da ameaça.

Discursividades sobre o digital: o perigo mora na tela...

Tomamos como materialidades para análise três capas de revistas semanais brasileiras (*Veja*, *Istoé* e *Época*), bem como excertos das reportagens anunciadas por tais capas. Antes da análise de fato, sublinhamos dois aspectos de caráter metodológico: primeiro, precisamos confessar que não visamos à consecução de uma análise exaustiva, visto que importa menos a quantidade e mais as especificidades de um olhar eminentemente interpretativo; segundo, a escolha por essas publicações deve-se ao fato de elas figurarem como as que mais são vendidas no segmento de revistas de variedades.

Em linhas gerais, tanto as capas, como as reportagens que delas fazem parte, emolduram o digital como um objeto discursivo perpassado pelo espectro do perigo. Na materialidade discursiva, as capas lançam mão de uma série de estratégias verbo-visuais que dão a ver o objeto de que falam sob um determinado ângulo e anunciam os perigos provenientes da *web*. Vejamos a capa da revista *Istoé* (Figura 1) a seguir explicitada, para comprovarmos as considerações até aqui apresentadas.

A capa dar a ver, na materialidade imagética, três pessoas em poses semelhantes a marionetes que estariam sendo comandadas pelas redes sociais e conglomerados eletrônicos, conforme se observa no logotipo do *Facebook*, do *Google* e do *Yahoo!*. Se atentarmos para a vestimenta dos sujeitos que aparecem na capa, podemos conjecturar que se trata de um executivo, ao fundo; no

¹ Foucault conceitua formação discursiva do seguinte modo: “[...] sempre que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se definir uma regularidade [...] diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*” (2010, p. 43, grifo do autor).



Figura 1. *Istoé*, edição 2328, julho de 2014.

Figure 1. *Istoé* magazine, issue 2328, July 2014.

centro, a mulher veste trajes formais e elegantes, os quais podem estar vinculados ao mundo do trabalho; por fim, a jovem apresenta uma pose mais despojada, o que reflete nas suas vestimentas. Em certa medida, o discurso da capa visa a alertar todos os que utilizam a *web*, tanto os jovens, estatisticamente os que mais passam tempo na *internet*, como aqueles que a utilizam no âmbito dos negócios e das atividades profissionais em geral. Ao associar os sujeitos que usam a *internet* às marionetes, a capa denota que somos reféns de um sistema organizado e vigilante que nos observa, classifica e nomeia no âmbito de uma sociedade de controle (Deleuze, 2008, p. 219).

Esse enunciado imagético ocupa uma posição singular no âmbito das coisas ditas, pelo fato de selecionar, dentre os vários perigos que a *web* abriga, a questão que recobre a vigilância, cuja invisibilidade dos sistemas de rastreamento e de coleta e armazenamento de informações dá vazão as mais fantasmagóricas teorias, as quais vão apontar para os mais diversos perigos engenhosamente tramados pelas técnicas de vigilância na *web*. Na materialidade repetível da capa, o enunciado imagético preconiza a existência de uma posição de sujeito que não somente informa, função previsível da prática discursiva jornalística, mas que agencia determinados sentidos e toma para si o papel de avisar o público leitor acerca das ameaças existentes na *web*, a fim de desmascará-la.

Nessa lógica, os enunciados verbais que, juntamente com a imagem, assinalam a natureza compósita da capa são bastante incisivos na constituição de um discurso de alerta. A palavra atenção, grafada em caixa alta e na cor vermelha, num domínio de memória (Foucault, 2010, p. 108), leva-nos a outros enunciados que preconizam o risco, o perigo; basta pensarmos, por exemplo, nas inúmeras placas indicadoras de um risco iminente, afixadas em rodovias e outros locais. Do lado da referida palavra, lê-se, em destaque: “Você é manipulado pelas redes sociais”. O pronome você, a nosso ver, interpela o sujeito leitor, de modo a chamá-lo para ser sujeito desse discurso (Fischer, 2013, p. 147), desse efeito de verdade que a revista pretende imprimir na capa. Coadunando com o enunciado imagético, o componente verbal constrói discursivamente o objeto *web* atravessado pela questão da manipulação. Trata-se de uma regularidade que está presente nos demais enunciados da capa.

Dessa forma, a capa traz algumas informações que sustentam os enunciados em destaque. Na parte superior de tais enunciados, lê-se: “Pesquisa de universidades americanas com 700 usuários do Facebook comprovou que é possível manejar as informações pela internet”; “Gigantes como o Yahoo, Amazon e Yahoo! já direcionam as nossas compras e até o que devemos ler”; “Saiba como essas ferramentas podem ser usadas na política, nos negócios e o que fazer para não se tornar uma marionete digital”. Em três pinceladas, a capa de *Istoé* discursiviza a temática a ser tratada na reportagem anunciada. Nesse jogo enunciativo, a revista ancora-se nas especificidades das modalidades enunciativas, conforme propugnadas por Foucault (2010, p. 56), na medida em que o sujeito enunciador associa seu dizer a um lugar institucional (“as universidades americanas”) para poder falar de um dado objeto e, ao mesmo tempo, conferir o estatuto de acontecimento a esse discurso em torno do digital. Noutras palavras, o saber socialmente reconhecido da instituição acadêmica (Santos, 2008, p. 28) representa uma instância de delimitação que embasa a emergência desses enunciados e alicerça a posição de sujeito adotada.

Seguindo um percurso que circunscreve o objeto sobre o qual disserta, a revista reafirma um lugar privilegiado em que é possível convidar o leitor para saber como as ferramentas existentes na *web* funcionam, no intuito de fazer com que aquele não se renda aos ardis do ciberespaço. Nesse ínterim, essa vitrine midiática imbui-se de um saber que estratifica um objeto de discurso; noutras palavras, a revista constitui-se numa instância singular de produção de discursos sobre o digital e o faz conforme uma posição enunciativa bastante circunscrita. Observamos, pois, os indícios de uma função pedagógica (Fischer, 2012, p. 113), a partir da qual se instauram efeitos de sentido relativos a um ensinamento, a uma orientação sobre o modo como o sujeito leitor deve se relacionar com a *internet*.

Na reportagem à qual a capa alude, deparamo-nos com dizeres construídos mediante uma remissão a um determinado campo do saber. Ao frisar que o *Facebook* havia utilizado o perfil de inúmeros usuários, na versão inglesa do *site*, para compor um *corpus* de pesquisa que procurou testar as emoções dos usuários dessa rede social, através da manipulação dos *feed* de notícias², a reportagem da revista *Istoé* esclarece:

Excerto 1

A revelação gerou duras críticas à rede social, além de preocupação com o poder excessivo nas mãos da empresa de Zuckerberg. Afinal, ela pode ser usada para deixar internautas mais receptivos a determinados produtos e ideias e até impactar eleições. Ou seja, dos negócios à política, *tudo pode ser manipulado*. O experimento deixou explícita a *vulnerabilidade* de quem navega pela web ao mostrar o *quanto somos influenciáveis*. “É a mesma mecânica do mundo offline, só que a rede amplifica e potencializa as coisas”, afirma a psicóloga Beatriz Breves, especialista em internet e sentimentos. Nossos interesses há muito já são manejados por outros gigantes da tecnologia, como Google, Yahoo!, Amazon e Apple. Essas empresas orientam nossas compras e até as notícias que leremos a partir do nosso comportamento online. Quem adquire um disco no iTunes ou um livro na Amazon logo recebe sugestões de outros produtos com o mesmo perfil. Da mesma forma, Google e Yahoo! reconhecem o tipo de informação buscada pela pessoa na internet e, com esse dado em mãos, direcionam notícias e publicidade (*Istoé*, 2014, p. 43, grifos nossos).

Um aspecto da materialidade linguística pulula, num primeiro olhar, nesse trecho da reportagem. Trata-se da utilização da primeira pessoa do plural (“o quanto somos influenciáveis, “nossa” comportamento *online*”). O sujeito enunciador, ao fazer uso dessa pessoa do discurso, coloca-se numa posição contígua ao sujeito leitor, de modo a angariar a atenção deste, de maneira a sinalizar que ninguém está incólume às técnicas de vigilância da web. Para subsidiar o seu discurso e imprimir um efeito de verdade, o sujeito jornalista recorre a uma voz de autoridade (a psicóloga Beatriz Breves), corroborando mais uma vez o que nos lembra Foucault (2010, p. 56) a respeito das modalidades enunciativas, ou seja, da ênfase no estatuto do sujeito que está autorizado a falar. A voz

da psicóloga, através de uma grade de especificação que classifica a lógica da *web*, cotejando-a com “o mundo real”³, acentua o tom alarmante da reportagem (“tudo pode ser manipulado”), uma vez que aventa para o fato de a *web* recrudescer a capacidade do sujeito ser influenciado.

O sujeito enunciador da reportagem ainda aponta para a constatação de que os sistemas de vigilância, amiúde, sondam o comportamento do sujeito na rede, a fim de compor um perfil do navegador, a partir do qual é possível oferecer determinados produtos e serviços. Tem-se, assim, um discurso que sinaliza para um funcionamento ininterrupto e silencioso da vigilância *online*, cujo poder “maneja” nossas incursões na *web*. Em todo o desenrolar da reportagem, os enunciados sobre o objeto de discurso *web*, num princípio de raridade, são atrelados à questão da vigilância. Assim, dentre tantos aspectos que poderiam ter sido explorados, o foco contra-se em torno dos perigos que envolvem tal questão. Esse recorte constrói, delimita e classifica esse objeto, circunscrevendo-o. Na materialidade da capa apresentada na Figura 2, flagramos outros enunciados em torno da *web*, embora o discurso de alerta também esteja presente e constitua uma regularidade do ponto de vista enunciativo.

Na multimodalidade da capa, entrecruza-se a sequência de vocábulos *Sexo, vingança e Internet*, grafados na cor vermelha e ocupando o centro da capa, com a imagem desfocada de uma mulher em trajes íntimos e numa pose sensual. Metonimicamente, a capa dar a ver duas mãos que fotografam essa mulher com uma câmera do celular. Ocupando a posição inferior da capa, encontramos os seguintes dizeres: “A tentação de se exibir para as câmeras. O risco de ser humilhado nas redes sociais. As vidas destruídas”.

É possível detectar certa similitude com a capa analisada anteriormente, se atentarmos para o fato de que, assim como na outra capa estudada, nesta também nos deparamos com a discursivização da *web* como um lugar do perigo. Desse modo, a cor vermelha da sequência de palavras já mencionada enlaça-se, num domínio associado, a enunciados que alertam para uma possível ameaça. Nos enunciados presentes na porção inferior da capa, é candente pensarmos no modo como a *web* é discursivamente construída, pois observamos, no tom narrativo apresentado, como há uma sucessão de fatos que se encaminham para um desfecho trágico. Numa primeira cena, figurativiza-se a tentação ante a presença atraente da câmera, no âmbito de uma sociedade marcada pela necessidade de ser visto; posteriormente, aponta-se

² O *feed* de notícias é uma lista atualizada constantemente com histórias de pessoas e de páginas seguidas por um usuário do *Facebook*. Tais histórias englobam atualizações de *status*, fotos, *links*, atividades de aplicativos e curtidas. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/210346402339221>. Acesso em: 14/09/2014.

³ Autores como Wertheim (2001) defendem que o ciberespaço, embora destituído de fiscalidade, é um lugar real, de modo que opõe a um *mundo real*, como o faz a fala da psicóloga, significa entender que se trata de um espaço irreal. De acordo com essa autora: “[...] Sem dúvida, é uma espécie de geografia diferente de tudo que experimento no mundo físico, mas ela não se torna menos real por não ser material” (p. 169).



Figura 2. *Época*, edição 809, setembro de 2013.
Figure 2. *Época* magazine, issue 809, September 2013.

para o *risco* de sofrer humilhações na *web*, devido à exposição desenfreada; por fim, assinala-se o fechamento: *vidas destruídas*. Nessa aparente linearidade enunciativa, podemos entrever a constituição da *web* como um espaço que pode desbotar a reputação de um sujeito. Para tanto, a revista intenta esclarecer o leitor acerca dos *riscos* que todos podem correr, haja a vista a proeminente influência que o digital atualmente exerce na consolidação de uma cultura da visibilidade. A própria noção de risco, oriunda das ciências epidemiológicas, transmuta-se nos riscos que a *web* pode suscitar e preconiza uma temperança e prudência (cf. Castiel, 1999, p. 37).

Com vistas a tecer uma relação de homologia com a capa, a reportagem de *Época* igualmente aponta para os efeitos catastróficos que uma exposição (in)desejada na *internet* pode acarretar. Eis um trecho da reportagem:

Excerto 2

As estudantes Giana Laura, de 16 anos, e Júlia Rebeca, de 17 anos, nunca se conheceram. Separadas pela extensão geográfica do país – Giana em Veranópolis,

Rio Grande do Sul, e Júlia em Parnaíba, litoral do Piauí –, suas histórias se cruzaram nas manchetes da imprensa, por causa de um desfecho trágico. Com apenas quatro dias de diferença, as duas jovens se mataram, pela mesmíssima razão. Elas haviam descoberto que imagens íntimas delas, compartilhadas com pessoas em quem confiavam, se multiplicavam pela internet. *Envergonhadas e desesperadas*, totalmente inexperientes, decidiram fugir de uma situação que lhes parecia intolerável. Ao escolher o suicídio, tornaram-se vítimas, *mais um par de vítimas*, de um perigo assustadoramente próximo da nova geração: *a exposição excessiva na internet, e suas terríveis consequências* (*Época*, 2013, p.47, grifos nossos).

A incidência de acontecimento a que o discurso da reportagem se atrela reside precisamente no fato “coincidente” de duas jovens terem cometido suicídio, por um mesmo motivo, em diferentes lugares do país. A midiatisação de tais mortes reacendeu o debate sobre os limites que a hiperexposição pode acarretar, o que constitui uma condição para a escolha desse tema como a pauta editorial da revista e a inserção dele na capa da publicação. Na materialidade linguística, algumas escolhas lexicais denotam de modo pontual a posição do sujeito enunciador. Assim, termos e construções como “mais um par de vítimas”, “perigo assustadoramente próximo”, “exposição excessiva” e “terríveis consequências” sugerem que a *web* constitui-se na morada do perigo, de modo que é necessário ter precaução e discernimento ao utilizá-la. A reportagem de um modo geral intenta convocar os leitores a reverem suas posturas na *internet*, a fim de que possam evitar possíveis transtornos advindos de uma exposição impensada. Logo, o discurso midiático institui jogos de verdade que demandam um olhar vigilante do sujeito sobre a *web*. Esse olhar deve atentar para o fato de os discursos na rede digital proliferarem de modo espantoso e atingirem uma quantidade expressiva de pessoas em tempo recorde. Assim, uma foto indesejada reverbera indefinidamente, acarretando efeitos danosos para os sujeitos expostos. Todas essas considerações embasam a emergência dos enunciados presentes no excerto da reportagem anteriormente expresso.

Se pensarmos nas grades de especificação, as quais agrupam sistemas que separam, opõem e estratificam um dado objeto de discurso, é relevante ponderar a respeito do modo como a *web*, concebida como um objeto de discurso, tem-se revestido por um saber advindo do campo jurídico, a partir do qual esse objeto estratifica-se.⁴ Embora no excerto supracitado não haja a construção do objeto de discurso *web* matizada por um viés jurídico, outros

⁴ Um exemplo protótipico dessa discussão diz respeito ao caso da atriz Carolina Dieckmann, cujas fotos íntimas foram furtadas e divulgadas na *web* em maio de 2012. A repercussão desse caso reacendeu o debate em torno da preservação da intimidade no cerne da cultura digital e culminou com a promulgação da lei 12.737/12, que criminaliza a invasão de aparelhos eletrônicos para a obtenção de dados particulares (Portal G1, 2013).

momentos da reportagem esse aspecto evidencia-se de maneira mais precisa. Assim, os debates atuais acerca da necessidade de criação de dispositivos que regulem a utilização da *internet* no Brasil ganharam contornos mais robustos, nos últimos tempos. Endossando esse argumento, convém mencionarmos o fato de o Congresso Nacional Brasileiro ter aprovado recentemente um projeto de lei, intitulado de Marco Civil da Internet, que trata de regulamentar os direitos e deveres na utilização da *internet* no país. Dentre as especificidades do projeto, realçamos os artigos que se referem ao fato de os provedores de *internet* terem o dever resguardar o direito de intimidade do sujeito usuário, o que implica não poder divulgar os dados dos clientes, nem tampouco monitorar os acessos que os usuários realizam na *web*, exceto nos casos de decisões judiciais (Portal G1, 2014b). A premência em proteger a intimidade dos sujeitos usuários da *internet* responde a uma demanda social corporificada, por exemplo, em inúmeras notícias e reportagens veiculadas pela imprensa.

Na última capa selecionada para esta análise, vê-se a reiteração de um discurso de cuidado em relação à *web* (Figura 3).

Na capa, apresentada na Figura 3, um primeiro elemento que desponta é a imagem de uma mulher com um corpo de sereia a apontar insidiosamente para uma das partes do teclado. Essa imagem coaduna com a temática abordada pela revista, na medida em que acena para as ten-

tações que a *web* cotidianamente nos oferta. Levando em conta a inscrição do enunciado num domínio associado, a imagem da sereia nos reporta a imagens já construídas, a enunciados já vistos no cerne de uma cultura visual (Courtine, 2013, p. 43). Dessa forma, mitologicamente, a sereia tinha o poder de enfeitiçar com seu canto todos os que o ouviam, de modo que os marinheiros sentiam-se irresistivelmente impelidos a se atirar ao mar onde encontravam a morte (Bulffich, 2002, p. 289). De modo análogo, a capa sinaliza para os cantos das sereias existentes na rede digital, cujo poder recruta muitos sujeitos, seduzidos pelas armadilhas encantadoras desse espaço. Daí a inserção imagética de uma sereia *high tech*, costumizada sob os moldes de um certo padrão de beleza.

Na conjunção com a materialidade verbal, a imagem da sereia reporta-nos ao perigo. Vejamos, por exemplo, o que aparece na parte inferior da capa: “Mensagens irresistíveis, imagens sedutoras e ofertas de produtos gratuitos arrastam para águas perigosas quem navega pela *internet*”. A metáfora da *web* como um mar agencia a construção de sentidos nesta porção da capa e explica a remissão à sereia como o espectro da ameaça, da tentação. Essa rede enunciativa sinaliza, de modo incisivo, para os riscos que a *web* comporta; inclusive, anuncia-se num saber quantitativo (“os computadores brasileiros estão entre os mais infectados do mundo”), para demonstrar a fragilidade a que o sujeito navegador está propenso nas suas viagens ao espaço digital.

Na reportagem de *Veja*, o exercício da função enunciativa ampara-se em vozes que constroem o objeto do qual se fala. O excerto a seguir ilustra tal constatação:

Excerto 3

[...] Segundo uma pesquisa feita no ano passado pelo Comitê Gestor da Internet, 63% dos 62 milhões de usuários brasileiros não sabem utilizar mecanismos básicos como o de busca – ainda que o mais famoso deles, o Google, seja usado até como verbo (“dar um google”: digitar uma palavra no site com o objetivo de encontrar informações relacionadas a ela na rede). “O conhecimento rudimentar de grande parte dos brasileiros sobre computadores faz com que muitos não tenham a dimensão dos riscos de, por exemplo, abrir e-mails desconhecidos ou visitar sites não confiáveis”, diz o advogado Spencer Toth Sydow, especialista em direito informático (*Veja*, 2009, p. 90).

Na formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010, p. 56) mostra-nos a necessidade de averiguar o estatuto do sujeito que fala. Assim, é imprescindível levamos em conta, tanto o *status* dos sujeitos que terão seus discursos aceitos socialmente, como também os lugares institucionais de onde se obtêm tais discursos. No caso do Excerto 3, os enunciados estão calcados na pesquisa reali-



Figura 3. *Veja*, edição 2113, maio 2009.

Figure 3. *Veja* magazine, issue 2113, May 2009.

zada pelo Comitê Gestor da Internet (a pesquisa científica vinculada ao laboratório como um lugar físico) e na voz de um especialista da área, cujas credenciais estão demarcadas na materialidade linguística. Essa voz de autoridade, frequentemente retomada na construção do discurso jornalístico, não está desprendida da posição sujeito daquele que enuncia, pelo contrário, subsidia essa posição.

Nesse sentido, a voz do advogado especialista, em comunhão com a posição do sujeito enunciador, faz eclodir a individualização das responsabilidades do sujeito que utiliza a web. Expliquemo-nos melhor: perpassa no discurso de *Veja*, como também nos demais discursos analisados, a necessidade de o sujeito navegador empreender uma espécie de governo de si nas suas andanças no ciberespaço, no intuito de escapar dos vários perigos alojados na rede. Logo, conforme assinala a fala do advogado, o fato de existir tantos crimes na web brasileira está intrinsecamente relacionado a um certo despreparo do usuário, o que também acentua o que nos diz pesquisa empreendida pelo Comitê Gestor da Internet. A partir dessa responsabilização individual, o discurso de *Veja* encaminha-se no sentido de fornecer dicas aos sujeitos navegadores, para que estes adotem uma postura mais cautelosa em relação ao digital, no intuito de proteger informações pessoais e financeiras do poder (in)visível dos *hackers*.

Com um efeito de sentido que nos lembra um manual, a reportagem oportuniza ao leitor, potencial navegador, uma série de lembretes, como, por exemplo: “Nunca fazer transações bancárias em lan houses e outros computadores de uso compartilhado” ou “Não entrar em sites que são notórios redutos de vírus e programas furtasenhas, como pornográficos, de downloads de arquivos e de jogos gratuitos”. Os advérbios de negação reforçam o caráter imperativo dessas dicas, as quais precisam ser seguidas, sob pena de o sujeito sofrer consequências indesejáveis, oriundas de uma desatenção na implacável vigília que ele deve empreender. Em suma, esse discurso, num feixe de relações, acena para a possibilidade do sujeito navegador vigiar a própria vigilância, ser pan-óptico de si mesmo.

Por fim, é imperioso reiterar que nas capas e reportagens analisadas, o aparato midiático não somente veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos (Fischer, 2012, p. 113). Retomando o que defendemos em alguns momentos neste texto, ratificamos que os discursos midiáticos matizam-se com colorações que nos reportam ao discurso pedagógico, tendo em vista a premência em fazer com que o sujeito leitor seja orientado a modificar suas posturas na web, a tomar o devido cuidado em relação às diversas ciladas que a rede digital encerra. Na heterogeneidade do sujeito enunciador das capas e reportagens, evidenciamos a dispersão de posições de sujeito no seio de uma regularidade enunciativa. Essa regularidade, a nosso ver, circunscreve a formação da web como um objeto de discurso atravessado pela visão

apavorante do perigo. Nossas constatações corroboram a posição de Tucherman e Cavalcanti (2013, p. 7) acerca do modo como a mídia, e a revista *Veja*, em especial, coloca-se como “o lugar do diagnóstico correto, da síntese que, considerando a cartografia e as forças envolvidas, identifica o fenômeno e suas causas”.

Considerações finais

Em *Medo Líquido*, Bauman (2008) fornece uma elucidação nada surpreendente, mas, nem por isso, menos acertada, acerca do medo. Para esse teórico, “medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito, do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la se cessá-la estiver a nosso alcance” (Bauman, 2008, p. 8). Assim, o medo circunda o inominável, o inadministrável, o que foge ao controle. Pensem, por exemplo, na atmosfera apocalíptica (re)criada a partir dos discursos sobre o aquecimento global ou ainda nos medos que permeiam a violência na urbe, como ser sequestrado ou assassinado; junte-se a isso a sensação de pânico advinda da solidão, do esquecimento, da indiferença e temos um cenário em que o medo constitui uma entidade onisciente, à espreita de todos; coletivamente, parece pairar uma aura de ameaça sobre todos nós (cf. Castiel, 1999, p. 37). Dessa forma, Courtine (2008) enfatiza que, na contemporaneidade, subsiste uma reiteração de discursos matizados com o espectro do medo. Segundo esse autor, tais discursos materializam-se numa “circulação de palavras, de narrativas e de imagens que nos levam inevitavelmente a questionar o papel que desempenha o aparelho de informação na manutenção e na disseminação desse medo” (Courtine, 2008, p. 18).

Essa citação de Courtine (2008) alia-se ao que discutimos no decorrer deste texto, pois lançamos um olhar sobre os discursos midiáticos, mais especificamente sobre aqueles que tomam a web como um objeto de discurso, com o escopo de investigar, nas movências das redes enunciativas, a emergência de um discurso que concebe a *internet* como o reduto onde se abriga os mais variados perigos. Para isso, adotamos como subsídio teórico alguns conceitos de Michel Foucault, os quais apreendem o discurso como uma prática que constrói os objetos de que fala.

Demos destaque, sobretudo, à noção de enunciado, a partir da qual olhamos nosso objeto de análise – capas e reportagens de revistas semiais brasileiras – atentando para a formação dos objetos e das modalidades enunciativas. Nesse ínterim, observamos como esses discursos midiáticos sobre as periculosidades da web estratificam-se na form(ul)ação de objetos de discursos ancorados em saberes advindos de vozes autorizadas a falar, o que delinea o funcionamento das modalidades enunciativas, e em diversos campos do conhecimento científico. Perfunmando tais discursos, não deixamos de reconhecer o modo

através do qual a mídia, ao mesmo tempo em que faz circular discursividades em torno do medo (o medo de ter a vida íntima exposta, de ter dados pessoais e financeiros utilizados por outrem), incorpora uma função que visa a pedagogizar, num tom professoral, o comportamento do internauta, orientando-o acerca das armadilhas encorpadas nas sereias e nas maçãs dos mares e jardins da web.

Referências

BARACUHY, M.R. 2010. Análise do discurso e mídia: nas trilhas da identidade nordestina. *Veredas*, 14(2):167-177. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/artigo-131.pdf>. Acesso em: 10/11/2012.

BAUMAN, Z. 2008. *Medo líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 237 p.

BAUMAN, Z. 2014. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 159 p.

BULFICH, T. 2002. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro, Ediouro, 419 p.

BRUNO, F. 2004. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e comunicação. *Famecos*, 24(1):110-124.

CASTIEL, L.D. 1999. *A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/Editora Fiocruz, 204 p.

COURTINE, J.J. 2008. Discursos líquidos, discursos sólidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: V. SARGENTINI; M.R. GREGOLIN (org.), *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, Claraluz, p. 11-19.

COURTINE, J.J. 2013. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Petrópolis, Vozes, 174 p.

DELEUZE, G. 2008. Pós-scriputm sobre as sociedades de controle. In: G. DELEUZE, *Conversações*. São Paulo, Editora 34, p. 219-226.

ÉPOCA. 2013. Ed. 809, Rio de Janeiro, Globo, 131 p.

ERIBON, D. 1990. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo, Companhia das Letras, 361 p.

FISCHER, R.M.B. 2012. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte, Autêntica, 167 p.

FISCHER, R.M.B. 2013. Foucault. In: L.A. OLIVEIRA, *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo, Parábola Editorial, p. 123-151.

FOUCAULT, M. 1991. Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In: C.H. ESCOBAR (org.), *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro, Hólon Editorial, p. 34-52.

FOUCAULT, M. 1999. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 288 p.

FOUCAULT, M. 2006. Entrevistas. In: R.P. DROIT, *Michel Foucault, entrevistas*. Rio de Janeiro, Graal, p. 15-26.

FOUCAULT, M. 2009. *A ordem do discurso*. 19ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 79 p.

FOUCAULT, M. 2010. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 236 p.

ISTOÉ. 2014. Ed. 2328, São Paulo, Editora Três, 126 p.

PÊCHEUX, M. 2006. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4ª ed., Campinas, Pontes, 65 p.

PORTAL G1. 2013. Lei Carolina Dieckmann que pune a invasão de PCs passa a valer amanhã. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/04/lei-carolina-dieckmann-que-pune-invasao-de-pcs-passa-valer-amanha.html>. Acesso em: 26/07/2014.

PORTAL G1. 2014a. Vítimas de nudez, selfie e sexting na internet dobraram no Brasil, diz Ong. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/04/vitimas-de-nude-selfie-e-sexting-na-internet-dobraram-no-brasil-diz-ong.html>. Acesso em: 10/09/2014.

PORTAL G1. 2014b. Marco civil da internet entra em vigor nesta segunda-feira. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/noticia/2014/06/marco-civil-da-internet-entra-em-vigor-nesta-segunda-feira-23.html>. Acesso em: 10/09/2014.

SANTOS, B.S. 2008. *Um discurso sobre as ciências*. 5ª ed., São Paulo, Cortez, 92 p.

TUCHERMAN, I. 2007. Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade. In: A. QUEIROZ; N.V. CRUZ (orgs.), *Foucault hoje?* Rio de Janeiro, 7Letras, p. 45-53.

TUCHERMAN, I.; CAVALCANTI, C. 2013. Apostando nos riscos: como a Veja apresenta o nosso futuro. *Contracampo*, 26(1):5-20. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/271>. Acesso em: 12/12/2013.

VEJA. 2009. Ed. 2113, São Paulo, Abril, 134 p.

VEYNE, P. 2008. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa, Albin Michel, 153 p.

WERTHEIM, M. 2001. *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 238 p.

Submetido: 14/10/2014

Aceito: 12/11/2014

Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Campus I

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Conjunto Humanístico, Bloco IV, Cidade Universitária

58059-900, João Pessoa, PB, Brasil

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Av. BR 405, Km 03, s/n, Arizona

59900-000, Pau dos Ferros, RN, Brasil